

# DA NOVIDADE DE *POESIA 61*, HOJE: RECENSÃO A JORGE FERNANDES DA SILVEIRA E LUIS MAFFEI (ORGS) *POESIA 61 HOJE*

*Pedro Eiras*  
(*Universidade do Porto*)

---

Cinquenta anos passaram sobre a publicação de *Poesia 61*. Em comemoração, Jorge Fernandes da Silveira e Luis Maffei acabam de organizar e editar, pela Oficina Raquel, um volume colectivo de ensaios: dez estudiosos brasileiros regressam assim a obras de Casimiro de Brito, Fiana Hasse Pais Brandão, Gastão Cruz, Luiza Neto Jorge, Maria Teresa Horta. *Poesia 61 Hoje* reúne, portanto, diversos olhares sobre diversas obras, pluralidade a preservar enquanto tal. Se noutros contextos foi útil lembrar que “a poesia é só uma” (refiro-me, claro, aos *Cadernos de Poesia*, nas décadas de 1940 e 1950), urge enfatizar agora que essa unidade subsume uma multiplicidade de poéticas. E se *Poesia 61* nunca pretendeu ser um movimento, uma escola, um movimento uno, se a obra de cada poeta após 1961 aprofundou estilos próprios e divergentes, como tantas vezes advertem Gastão Cruz (ver *A Vida da Poesia. Textos críticos reunidos*, 2008) ou alguns dos ensaístas neste volume, importa lembrar mais uma vez o encontro e as diferenças destas vozes, ou cosmovisões.

Eis-nos, pois, perante *Poesia 61 Hoje*. O título do volume obriga a – pelo menos – uma dupla leitura: por um lado, trata-se de saber *ler hoje* a *Poesia 61*, com cinquenta anos de hermenêutica disponíveis, e também, na necessária tábua rasa dessa mesma hermenêutica, saber ler outra vez os mesmos livros, hoje, pela primeira vez – como se cada vez fosse de novo a primeira; por outro lado, questiona-se assim o que *é hoje* a *Poesia 61*, isto é, que presença, que influência, que respostas tem esta sequência de livros, entre os próprios autores ou sobre os seus leitores, sobre os poetas que leram e escreveram a partir de – ou contra – *Poesia 61* (*contra* é também resposta, reescrita, homenagem). Questão de leitura e questão de (re)escrita, indestrinçáveis.

Se esta intuição de leitura vale, parece sobremaneira relevante que tantos dos dez ensaios, mas também a apresentação e o prefácio (de Luis Maffei e Jorge Fernandes da Silveira, respectivamente), refiram o tempo – e o tempo como objecto de uma leitura em transformação, não um dado fixo. Por isso Luis Maffei pode invocar uma “ideia de memória atualizada” (p. 7), como se a memória devesse rever-se ciclicamente a si própria; e Jorge Fernandes da Silveira, entender que “Passados 50 anos da publicação coletiva, relidos e contextualizados os versos (...), surpreende a atualidade da metáfora” (p. 19). Nenhuma cartografia simples pode opor presente e passado, objecto memorado e actividade memorante, se ler é aceitar a dialéctica de uma contínua revisão: *Poesia 61*, lida cinquenta anos depois, revela o que era paradoxalmente invisível em 1961 – isto é, o que aguardava, desde 1961, as leituras de 2011, o que aguarda sempre, no poema, a leitura do leitor por vir.

Obsessão do tempo, pois, no poema e na leitura do poema. Trata-se de uma poesia que se data a si própria, desde um título colectivo a reunir as cinco *plaquettes* – *Poesia [em 19]61* –, a assumir uma data irrepitível, mas também, ao mesmo tempo, a promessa do aniversário, do regresso, de um eterno retorno. Como escreve Evelyn Blaut Fernandes, parafraseando Luiza Neto Jorge, “*Retornamos século após século. O mundo é como uma roda numa roda*” (p. 63); e Cinda Gonda, lendo Casimiro de Brito: “Os versos nos conduzem a um tempo dentro do tempo” (p. 49). Eis-nos entre Nietzsche e Eliot, por vezes transfigurando a condenação a tempos circulares em aberturas de pontos de fuga. Por outro lado, também a leitura dos poemas se transforma ao longo das décadas. Mudam-se os tempos, mudam-se as leituras; e portanto mudam-se os poemas lidos, os mesmos, outros. *Poesia 61* acontece em 1961, *Poesia 61* acontece em 2011. “Hoje” deve designar um movimento, não um estado.

O leitor/ensaísta de hoje pode, por exemplo, reler os poemas à luz dos poemas que se lhes seguiram. Trabalho atento de Jorge Fernandes da Silveira, ainda, em prefácio do volume: o autor do imprescindível *Portugal Maio de Poesia 61* (de 1986) encontra, para um poema de cada livro de *Poesia 61*, outro poema que o revê, na obra posterior. Assim, usa “Minibiografia” de Luiza Neto Jorge (de *A Lume*, de 1989) para reler “Balada Apócrifa” (de *Quarta Dimensão, Poesia 61*, de 1961); ou “Amêndoa amarga” de Maria Teresa Horta (*Destino*, de 1987) para reler “Outubro” (*Tatuagem, Poesia 61*, de 1961); e chega a reconhecer que o poema de Fiama “Quod nihil scitur” (*Três Rostos*, publicado em 1989) constitui como que “uma errata” (p. 11) do seminal “Grafia 1” (*Morfismos, Poesia 61*). Seja “errata” uma palavra cheia de ironia, claro. Ela só é possível quando o tempo se dobra sobre si próprio e a memória de várias leituras se sobrepõe, deslocando *Poesia 61* para fora de si própria (*Poesia 61* “corrigida” por um poema de 1989, lidos ambos em 2011 – onde parar a sequência das datas e dos aniversários?). Um autor é uma sobreposição de leituras, *agon* de reescrita; como escreve ainda Jorge Fernandes da Silveira num ensaio dedicado a Fiama,

Se a aprendiz de Poesia, nos anos de 50, parece nos dizer que no mundo das imagens está “claramente irreal”, isto é, legível às claras no nível das figurações verbais, a Fiama no início do Século XXI tem a consciência luminosa, solar, de que ao longo de toda a vida de sua poesia foi de maneira crítica, quer dizer, tensa, em meio a “arestas”, ao encontro da harmonia entre o próprio da natureza humana, a fala, e o próprio da Natureza, as suas cíclicas formas de expressão. (p. 88)

O *Hoje* de um leitor é apenas o mais recente dos muitos *hojes* em que um poeta/uma poetisa se encontrou, reviu, corrigiu a si mesma; *Hoje* acede a uma leitura nova, decerto, mas prevista pela própria contingência de qualquer escrita. Nada a lamentar, na ausência de uma leitura absoluta; pelo contrário: é sobre a consciência da transformação que se gera uma “consciência luminosa, solar”. Existir no concurso das datas (das releituras e reescritas) permite um trabalho de exegese infinita. Lendo Gastão Cruz, Simone Caputo Gomes escreve: “O olhar poético melancólico vislumbra perdas que as visões progressistas da História escondem, abre fendas na espessura de um tempo concebido como contínuo. Escavar e lembrar permitem o “trânsito” de imagens do passado para o presente” (p. 127). A melancolia é o preço (uma moeda do tempo, também) a pagar, mas para ganhar a lucidez. E a lucidez talvez seja dolorosa, pequena, céptica; porém ela permite um trânsito ilimitado de memórias, releitura de si. É o que defende também Sofia de Sousa Silva, numa bela leitura, inter-artes, da poesia de Luiza Neto Jorge e *Café Müller* de Pina Bausch:

a escrita do livro e a montagem do espetáculo são uma profissão de fé na palavra e no corpo. É de se notar que estas duas obras em particular – o livro de 1961 e o espetáculo de 1978 – não parecem oferecer saídas para a situação de aprisionamento que constroem. (...) Mas tanto o livro de Luiza Neto Jorge como a peça de Pina Bausch são em si formas de nomear uma atmosfera asfixiante, de dar-lhes um contorno. (...) há uma fala, que resiste (p. 147)

Os ensaios de *Poesia 61 Hoje* mostram, então, como cada escrita descreve perdas, vislumbres, trânsitos, como reinventa o mundo através de um jogo de palavras. Alínderon de Jesus afirma: “o mundo pronto das dicotomias que tanto nos conforta e agride é um mundo irreal e apoético, enquanto o mundo poético de Casimiro de Brito é percepção e consciência de mundo e do movimento constante de suas roldanas” (p. 32), e Caio Laranjeira, lendo Fiama Hasse Pais Brandão: “O pacto com o leitor é estabelecido sob a regência da seguinte cláusula: partir do conhecimento (a tese) rumo a uma investigação dos mecanismos que sustentam, como conjecturas, a afirmação inicial.” (p. 34). A leitura ensaística descreve os poemas como jogos de linguagem, experiência entre a postulação de uma tese contingente (donde um pacto, de cada vez renovado) e a assunção do carácter hipotético do mundo: heraclitianamente provisório.

Mas o jogo, mesmo se se constrói sobre a instabilidade do mundo e do sentido, resiste, impõe um sentido, constrói um novo mundo (isto é, uma visão do mundo; e o mundo não é senão a visão que dele se faz). Por isso, a linguagem em jogo reinventa as regras do uso da própria linguagem; mais ainda, inventa um prazer do texto. Ida Alves encontra em Maria Teresa Horta uma “linguagem e imagética de fragmentação, de cortes abruptos, de rasuras” (p. 76), para concluir: “Combativa, denunciante, vital, sua poesia responde a um projeto de cidadania” (p. 79). E Raquel Menezes, lendo a mesma poetisa, considera que estamos perante “Palavras que são colocadas em favor de uma ideologia erótico-política, palavras que em um *espelho inicial* principiam discursos, debates, posturas: um *éthos* muito caro à poeta, à poetisa.” (p. 115).

O que começa por ser um jogo de linguagem, imagens, rasuras, palavras – deve tornar-se combate, política, *ethos*, prazer; mas esse prazer é gerado pela gramática reinventada, é, em primeiro lugar, um prazer criado pela escrita/leitura. Se o corpo deve ser emancipado – e o contexto histórico, político, civilizacional de *Poesia 61* emerge aqui –, importa não esquecer que já a palavra surge nestes poemas como corporalidade, objecto de prazer (sítio sorvido, poderia dizer Luiza). Artaud propunha, sobre o uso da palavra no teatro, que ela devia ter tanta importância como tem nos sonhos: surgir como coisa, não como sentido. Assim na poesia, a palavra-corpo.

E assim o prazer do leitor junto do prazer do poema lido. Para terminar, gostaria de evocar o gesto autobiográfico que atravessa uma parte significativa destes ensaios. Não só muitos dos autores deste livro leem *Poesia 61*, há muitos anos, de forma apaixonada, mas ainda decidem assumir essa paixão nos seus próprios textos; a leitura dos poemas cruza-se então com a memória de diálogos travados com os poetas, de correspondência trocada, com a visita às casa que os poetas habitaram, com a assunção de um laço emocional – não apenas intelectual – perante *Poesia 61*, ou mesmo a poesia portuguesa de Sá de Miranda à contemporaneidade (ao mesmo tempo que o juízo crítico sobre a poesia brasileira contemporânea parece ser, regra geral, algo severo). Talvez a leitura de Luis Maffei seja a que mais profundamente reconhece o seu fascínio – e a relação que a poesia de Gastão Cruz exerce sobre a sua própria vida. No início do ensaio “Gastão dentro da vida, a minha, em quatro ou cinco atos”, lemos:

se os humanos só conseguimos perceber o mundo através da linguagem (sim, há um atravessamento que nos afasta das coisas, que nos faz patinar pela comunicação e nos veta uma concretude mais, digamos, essencial), os poetas e leitores de poesia só conseguimos perceber o mundo através dessa linguagem em dobra. (p. 93)

Se a linguagem é um meio e um artifício, se não podemos senão “patinar” pela comunicação, Luis Maffei pode defender agora que a poesia

(sem perda desse mesmo artifício mas, ao contrário, assumindo-o sem limites) inventa outra vida, aquela que, disse Rimbaud, está ausente, sempre. A poesia, fora do mundo, regressa ao mundo e acrescenta-se visceralmente a ele. Por isso *Poesia 61* é mais actual do que nunca, hoje, quando um poema de Gastão Cruz permite dizer, comovidamente, a perda de um pai (p. 96-97). Quando, como escreve Luis Maffei, “a poesia de Gastão Cruz participa da minha vida. Pretendo, neste texto, falar de Gastão e de mim, ou do modo como os versos de Gastão estão dentro da vida, a minha” (p. 94).

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SILVEIRA, Jorge Fernandes da; MAFFEI, Luis (orgs.). *Poesia 61 Hoje*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2011.

*Recebido para publicação em 25/10/2012*

*Aprovado em 13/01/2013*